

ANTROPOLOGIA: CONSTRUÇÃO E DIFICULDADES

META

Apresentar o processo de construção da ciência antropológica no contexto do século XIX e as principais dificuldades epistemológicas.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
conhecer o processo de construção da Antropologia.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer as principais definições da ciência antropológica, bem como ter afinidade conceitual com o objeto de estudo dessa ciência.



(Fonte: <http://farm1.static.flickr.com>).

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: espero, nesta aula, que você conheça os passos do processo de construção da Antropologia. Depois do primeiro contato é preciso continuar. Espero que tenha gostado da primeira aula e bom proveito nesta também.

Você viu na aula anterior que a Antropologia estuda o homem nos seus contextos sociais e culturais comparando diferentes formas de manifestações. A aula proporcionou o conhecimento de que a jornada antropológica definiu o homem nativo da América, da Ásia, da Oceania e da África, tratado como “primitivo”, como o seu objeto de estudo. Espero que tenha ficado claro também que a preocupação fundamental da Antropologia e dos antropologistas naquela oportunidade era tentar explicar as origens do homem nos seus aspectos étnico e cultural. Neste segundo contato ampliarei a discussão a respeito da prática antropológica, apresentando aspectos do processo de construção epistemológica dessa ciência.



Malinowski em trabalho de campo (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>)

EPISTEMOLOGIA

Para iniciar esta aula é preciso desvendar um problema da ordem da linguagem: o que seria essa construção epistemológica apresentada na introdução? É preciso, então, definir essa expressão para melhor eficácia na continuidade da aula.

A Epistemologia tem como premissa principal estudar o conhecimento, como foi construído e, sobretudo, verificar os espaços que esse conhecimento consegue envolver, bem como os seus limites. Nesse sentido, a construção epistemológica de um dado conhecimento, no caso específico desta aula o antropológico, refere-se obrigatoriamente aos caminhos e descaminhos da busca da validade científica. Essa busca está relacionada aos processos de construção dos métodos, das técnicas e das teorias inerentes ao conhecimento, bem como da própria definição do objeto de estudo, todos como balizadores da prática.

Dito dessa maneira, afirma-se como essencial, em qualquer conhecimento, a definição com propriedade do seu objeto de estudo, dos métodos e técnicas necessários à prática científica e, como consequência, da construção de uma base teórica que servirá como alicerce. No caso da Antropologia isto não foi diferente. Foi necessária a definição do objeto de estudo – apresentei na aula anterior que a escolha recaiu sobre o “homem primitivo” – e do aparato teórico-metodológico para se constituir como ciência. Acertos aconteceram, mas os erros também fizeram parte dessa caminhada.

CAMINHOS E DESCAMINHOS DA JORNADA ANTROPOLÓGICA

Não pode haver ciência se não houver a definição daquilo que se pretende estudar. A Antropologia pensou corretamente ao definir o seu objeto de estudo, e ao definir, também, o aparato teórico e metodológico das ciências da natureza como partes da sua prática científica. Veja você, caro aluno, que eu estou afirmando que a Antropologia, nos seus primórdios, usou o aparato da Biologia para iniciar os seus procedimentos de pesquisa. Nada contra: tanto no caso da escolha do objeto quanto no uso do conhecimento de outra ciência. Contudo, problemas aconteceram ao longo da caminhada, obrigando os antropologistas a buscarem outros caminhos. Preste a atenção nos problemas acarretados por essas escolhas.

A escolha do aparato teórico e metodológico vinculado às Ciências da Natureza não se mostrou produtivo. Como os objetos de estudo das duas ciências – a Antropologia, a Biologia ou qualquer outra ciência da natureza – são completamente distintos, a aplicação das mesmas técnicas e das mesmas teorias se mostraram completamente ineficazes.

EPISTEMOLOGIA

Para sua melhor compreensão veja como se processou a questão: o especialista das ciências da natureza tem total controle sobre o seu objeto de estudo, podendo realizar todas as experiências necessárias para o bom êxito da sua pesquisa. Ele pode manipular a água e qualquer outro elemento da natureza, pode manipular os animais e, em sucessivas oportunidades e em lugares distintos, realizar os experimentos necessários à comprovação das suas hipóteses.

No caso da Antropologia a situação é completamente diferente, o homem é o objeto de estudo. Dessa forma, o homem é ao mesmo tempo pesquisador e objeto de estudo. Só que o homem no seu fazer cultural não pode ser manipulado, assim os métodos e as teorias das ciências da natureza, tão eficazes no trato com os seus objetos de estudo, não apresentaram o mesmo êxito quando utilizados nas análises antropológicas. A Antropologia precisou repensar a sua prática teórico-metodológica, entendendo-a como uma especificidade relativa ao seu próprio objeto, construindo alternativas mais apropriadas, sem que isso tenha resolvido em definitivo a questão.

Conveniência

(Escolha) justificada em função do interesse e da vantagem.

Quanto ao objeto de estudo, esse foi definido em virtude de algumas **conveniências**: havia à época a compreensão de que não se poderia escolher o homem como objeto de estudo – aqui eu es ou falando no homem em todos os espaços e em todos os tempos – em virtude do desconhecimento do homem tratado como primitivo. Entenderam os antropologistas que primeiro era necessário conhecer o primitivo e, a partir desse conhecimento, ampliar o foco para o homem total – total no sentido de tempo e de espaço. O objeto de estudo da Antropologia foi, portanto, construído

a partir da necessidade de conhecer o homem que não era conhecido, ou seja, populações que não pertenciam à civilização ocidental (LAPLANTINE, 2000).

Mas qual o problema da Antropologia ao fazer essa escolha, perguntaria o aluno? Eu diria que não seria o problema, mas os problemas, dois para ser mais exato: primeiro, a escolha não obedeceu a critérios científicos; segundo, a escolha do homem primitivo estabeleceu uma temporalidade do objeto, isto é, o homem primitivo caminhava, em virtude do processo civilizatório, para sua extinção e, conseqüentemente, para a extinção também do objeto da Antropologia.

No primeiro caso os critérios de escolha não atenderam ao bom caminho de uma con-



(Fonte: <http://www.cascada-expediciones.cl>).

strução epistemológica. O critério principal foi a própria conveniência, marcada pelo desconhecimento do homem nativo da América, Ásia, Oceania e África. Mas não apenas isso, a Antropologia nos seus primórdios não tinha a percepção de que o aparente conhecimento sobre o homem civilizado era um engano, na medida em que, na seqüência da construção, se percebeu que o homem civilizado era tão desconhecido quanto o primitivo, portanto, alvo possível dos estudos antropológicos.

A Antropologia, ao fazer a escolha do seu objeto de estudo — o homem primitivo — estabelecia que esse objeto estivesse limita do cronologicamente, por ser exatamente o homem de um determinado tempo, considerado pelo europeu como anterior ao seu. Outro aspecto dessa escolha é que o primitivo estava limitado a determinadas áreas geográficas.

Em relação ao homem primitivo como objeto de estudo e à temporalidade dessa escolha, a explicação será um pouco mais longa, mas espero que seja clara para você. Nos parágrafos anteriores afirmei que o homem primitivo estava em vias de extinção em virtude do processo civilizatório. Veja a seguir o que eu estou chamando de processo civilizatório.

Os europeus se auto-proclamavam superiores e se denominavam civilizados. Os povos que apresentavam características culturais distintas das deles eram tratados como primitivos, exatamente, por não possuírem as suas características. Os antropologistas, como homens do seu tempo, também pensaram dessa maneira e trataram o seu objeto de estudo como se esse homem fosse inferior na escala de uma presumível evolução.

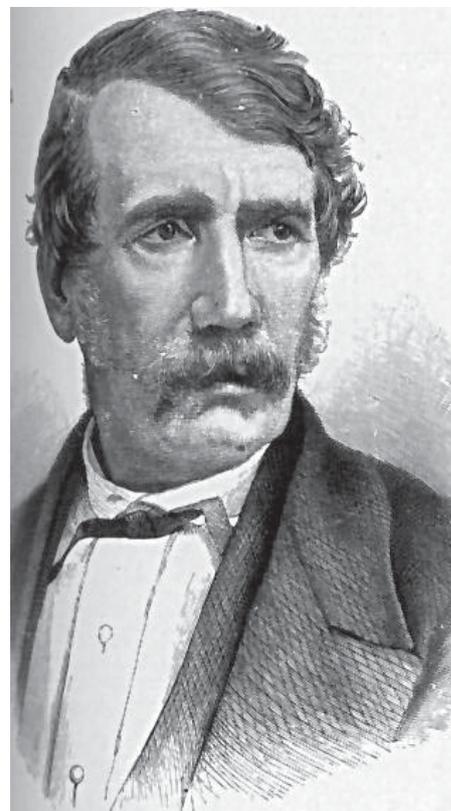
A aula anterior mostrou que o século XIX foi marcado pelo movimento denominado de neocolonialismo, desenvolvido a partir dos países europeus e dos Estados Unidos. A marca principal desse movimento, além do caráter expansionista através do poder econômico e do poder político, foi a imposição dos seus valores culturais. O contato entre esses grupos gerava, obrigatoriamente, a circulação da cultura e a absorção desta pelo grupo em situação de **subalternidade**.

Mesmo que se reconheça que no processo de circulação de culturas há trocas de valores entre os grupos em contato, é evidente que o grupo que tem maior poder político e econômico terá muito mais força para impor a sua cultura. Sei que não é surpresa para você que o nativo brasileiro – o índio – foi obrigado a absorver a língua e a religião do branco durante o processo de colonização (século XVI até a independência), como de resto todos os nativos nos continentes já referidos acima e que foram alvo do movimento expansionista do século XIX.

O chamado processo civilizatório ampliou a circu-

Subalternidade

diz-se do indivíduo ou do grupo que está em situação de inferioridade em relação a outro indivíduo ou a outro grupo. Multiplicidade: grande número, diversidade. Erudito: diz-se de alguém que domina grande diversidade de conhecimentos.



David Livingstone, explorador europeu do sec.XIX, que contribuiu para a colonização da África.
Fonte: www.livingstone_upload.wikimedia.org

lação da cultura européia, ampliando as suas bases, e diminuindo a força das culturas locais, tornando os grupos nativos reféns do mundo europeu e americano. Dessa forma, os nativos, segundo a visão dos antropologistas do século XIX e início do século XX, estavam desaparecendo em função da perda significativa das suas características culturais em favor das características européias, deixando, portanto, de serem considerados povos primitivos. O iminente desaparecimento dos povos primitivos geraria, como consequência, o desaparecimento do objeto de estudo da Antropologia.

A RETOMADA DOS CAMINHOS

A Antropologia e os antropologistas não ficaram olhando o tempo passar. Pensaram e buscaram possíveis alternativas. Segundo LAPLANTINE (2000), essas possibilidades seriam as seguintes:

1. Os especialistas da área de Antropologia aceitariam a morte da sua ciência em função da perda do objeto de estudo e migrariam para ciências afins;
2. Procurariam, no âmbito da própria Antropologia, outras áreas de investigação. Neste caso o novo alvo de estudo seria o camponês europeu, que passaria a ser tratado como o ‘primitivo’ no interior da civilização;
3. E, por último, aquela que tem sido a escolha da Antropologia até os dias atuais: o estudo do “(...) homem inteiro (...) em todas as sociedades, sob todas as latitudes em todos os seus estados e em todas as épocas”. (LAPLANTINE, 2000, p. 16).

Está claro para mim, e espero que também esteja para você, que a primeira opção não foi a mais referendada, e que a terceira, pelo fato de não excluir a segunda, mas, sobretudo, por ser a que mais atendia aos interesses de um conhecimento com validade científica, foi a que predominou e determinou os novos parâmetros do conhecimento antropológico nas primeiras décadas do século XX. Contudo, apesar de necessário e imprescindível, o novo caminho não foi desprovido de dificuldades. Os obstáculos tiveram que ser removidos no curso da própria caminhada.

O aluno envolvido com a leitura da aula começa a se inquietar e pergunta: “Mas e o que é esse homem inteiro? Ele é inteiro em que sentido?” É até possível que especulações possam acontecer, como, por exemplo, que o homem inteiro seria formado por cabeça, tronco e membros. Antes que isso ocorra é preciso então explicar a questão. O homem inteiro pensado pela Antropologia não se refere à extensão do corpo biológico, mas à multiplicidade de fenômenos vivenciados por ele no interior da sociedade da qual faz parte.

Entendeu a Antropologia naquela oportunidade que a análise antropológica só poderia ser considerada como tal se levasse em consideração as múltiplas dimensões do homem no seu cotidiano em sociedade. Isto é, as dimensões biológica, lingüística, psicológica, cultural e

social. Essa definição de homem inteiro criou limitações ao antropologista, exigindo da sua prática um conhecimento bastante erudito, sob pena de subtrair eficácia do seu trabalho.

Esse especialista precisaria, nessa perspectiva, ser profundo conhecedor de todas essas dimensões. Construindo-se, então, uma Antropologia para cada uma dessas possibilidades: Antropologia biológica, Antropologia psicológica, Antropologia da lingüística, Antropologia cultural e Antropologia social. A Antropologia fugia, dessa forma, dos caminhos da especialização e enveredava pelos caminhos da erudição. O antropólogo do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX tornava-se um erudito em função as exigências da própria ciência em clara oposição ao espírito do final do século XIX, marcado pela especialização.

ATIVIDADES

Continuando no esforço de utilização da memória e da capacidade de interpretação, trabalhe as seguintes questões:

A escolha do objeto de estudo da Antropologia não obedeceu a critérios epistemológicos. Defina epistemologia, construção epistemológica e explique os critérios da Antropologia quando definiu, ainda no século XIX, o seu objeto de estudo.

O homem primitivo como objeto de estudo gerou uma grande dificuldade à prática antropológica. Apresente essa dificuldade e explique a forma encontrada pela antropologia para sua superação.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Ao longo da aula afirmei que a epistemologia preocupa-se fundamentalmente com o processo de construção dos métodos, das técnicas e das teorias de um dado conhecimento. Afirmei ainda que a Antropologia, nos seus primórdios, escolheu o seu objeto de estudo a partir das conveniências do seu momento histórico. O homem primitivo ao ser escolhido como objeto de estudo já tinha hora marcada para desaparecer, obrigando os especialistas à busca, agora de forma epistemológica, de um objeto mais condizente com a própria natureza de um conhecimento científico.

CONCLUSÃO

Os caminhos e descaminhos do processo de construção da Antropologia implicaram, obrigatoriamente, a definição, agora de forma epistemológica, do objeto de estudo e do arcabouço teórico-metodológico. Os erros e os acertos dos primeiros antropologistas estavam compatíveis com os preceitos predominantes às suas respectivas épocas. Esses caminhos e descaminhos precisam estar bem claros para que se tenha um melhor entendimento das aulas seguintes, portanto, desenvolva com cuidado as atividades desta aula.

RESUMO



Nesta aula apresentei ao aluno ou aluna de Antropologia aspectos importantes no processo de construção da ciência. Foi visto, por exemplo, que a escolha do objeto de estudo a partir da conveniência do tempo e do espaço, em detrimento de uma abordagem epistemológica mais consistente, causou entraves no percurso. Foi preciso, para que houvesse por parte do aluno uma melhor compreensão da aula, a definição do que seja epistemologia e uma construção epistemológica.

O processo civilizatório apareceu nesta aula como o instrumento que dizimaria o nativo do antropologista, fazendo, dessa forma, desaparecer o objeto e a própria ciência. Apresentei, também, que a ciência escolheu, agora através de consistência epistemológica, o homem inteiro como objeto de estudo. Esse homem inteiro em todos os tempos e em todos os lugares e, sobretudo, nas suas múltiplas dimensões. Essa escolha gerou a necessidade de certa erudição por parte dos estudiosos de Antropologia, proporcionando o surgimento das antropologias biológica, psicológica, lingüística, cultural e social.

AUTOAVALIAÇÃO



Será que eu aprendi, ao estudar esta aula, os caminhos e descaminhos da construção da Antropologia?

REFERÊNCIA

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MARCONI, Marina de Andrade e PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia**: uma Introdução. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2001.